

RS\$ 5,00 - Nº 14 - ANO XIII



O Negro Ataíde

Viseu - Pará

A Morta Apaixonada

Parintins - Amazonas

Não Deixe a Rede Atada, Senão...!

Baixo Amazonas - Pará

Vanda e a Mãe d'Água

Ananindeua - Pará

MAIS:

Deu no Jornal

O Estudante Escreve

Visagens por aí...!

WALCYR MONTEIRO

Walcyr no traço de André Abreu, oferecendo um óculos (ou seria um monóculo?) ao Mapinguari!



Para Marita Monteiro,
0 m 214 de



VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



Com o apoio
financeiro de

Waldir Monteiro
2010

"As lendas são a poesia do povo; elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos; como o pão bento da instrução familiar.

... mas o povo crê, e não convêm destruir as fábulas do povo.

... Este cultivo dos mitos, não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

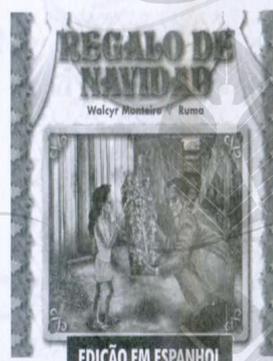
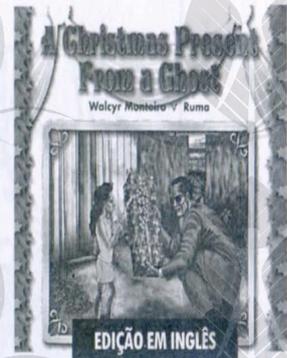
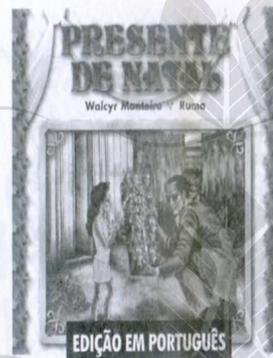
Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

John M
1480

Conto de Walcyr Monteiro editado no Japão

Em 2003 Walcyr Monteiro teve o conto *Presente de Natal*, de sua autoria, publicado em inglês, espanhol e japonês, além de português, pela Editora SHINSEKEN, do Japão, de propriedade de Maurício Crespo. O conto foi ilustrado pelo artista plástico Ruma, de Belém, que já ilustrou outros trabalhos de Walcyr. O livro, em suas quatro versões, foi apresentado em diversas feiras de livros internacionais e também esteve no estande da SHINSEKEN, quando esta participou de algumas versões da Feira Pan-Amazônica do Livro.



Maurício Crespo e Walcyr Monteiro na Feira do Livro Infantil, Juvenil e de Quadrinhos, de São Paulo, em agosto de 2005.



Maurício Crespo, Walcyr Monteiro e Ruma na IX Feira Pan-Amazônica do Livro, Belém-Pará, realizada em setembro de 2005.

Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia - Nº 14 - Outubro/ 2010

Publicação de WALCYR MONTEIRO • Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Digitação: Camile Pina e Waldener Monteiro • Revisão: Paulo Maués Corrêa

Ilustrações das histórias: André Abreu • Editoração eletrônica: Augusto Henrique

Capa: Augusto Henrique com ilustrações de André Abreu • Impressão: Editora Smith

Correspondências: Rua Cesário Alvim, 604 • Bloco A - Apto. 102 • Belém-PA • CEP: 66023-170

Telefone: (91) 3222-3384 • e-mail: walcyr@supridados.com.br



Bate-papo com o leitor

Desde 2004, quando saiu o número 13 desta publicação, que não batemos um papo, não é mesmo? Porém não pense o amigo leitor que tenho estado inativo: fiz reedições dos trabalhos (*Visagens e Assombrações de Belém* está na sexta tiragem da 5ª edição, e foram reimpressos em novas edições números da série *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*) e lancei em 2010 a edição bilingue português-japonês de *Histórias Japonesas Contadas na Amazônia* (ver noticiário em outro local desta publicação), bem como tive participação em antologias diversas. Ao lado disto, publicações em jornais e revistas, a realização de pesquisa de novas histórias e o atendimento a convites de feiras culturais e de livros de vários municípios impediram-me a concentração para escrever este número 14, que deverá sair junto com o número 15, este último tratando de *Objetos Voadores Não Identificados-OVNIs e extra-terrestres na Amazônia*. Dito isto, deixe-me apresentar-lhe o número 14. Você vai conhecer um pouco de mangues, mangais ou manguezais, o *habitat* dos caranguejos e também do terrível Ataíde; depois seguirá para Parintins, no Amazonas, lugar em que aconteceu uma história incrível de uma morta apaixonada; seguirá depois para o Baixo Amazonas paraense, onde conhecerá outro ser fantástico do interior da Amazônia: o Janaú; em seguida irá a Ananindeua, também no Pará, onde verá Vanda, uma linda criança, ser encantada pela Mãe d'Água.

Em Deu no Jornal...! lerá o noticiário do Diário do Pará sobre o ritual da cuia virgem com uma vela acesa a fim de descobrir corpos de afogados. E após isto as seções O Estudante Escreve e Visagens por aí...! com notícias sobre visitas a escolas e universidades, e outras realizadas em anos anteriores deverão sair nos próximos números, embora com bastante atraso.

Por enquanto, é isto!

Receba o abraço amazônida do caboco paraoara,

Walcyr Monteiro

PS - Um agradecimento especial ao sumano Antonio Juraci Siqueira pela autorização para reproduzir neste número o seu belo cordel *A Vingança do Ataíde em favor do Manguezal* que veio enriquecer este número 14.

ILUSTRAÇÕES - André Abreu ilustrou este nº 14 de *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. Nasceu em Belém do Pará, no dia 25 de Abril de 1974. Cartunista, ilustrador, chargista. Atualmente, publica charges, tiras e ilustrações no jornal católico *A Voz de Nazaré*. Participa de salões de humor no Brasil e no exterior.

Participação em Salões de Humor:

- 3º Salão Internacional Pátio Brasil de Humor sobre Meio Ambiente (Ecocartum); 2008.
- 2º Salão de Humor da Amazônia; 2009.
- World Press Cartoon - Sintra - Portugal; 2010.
- Syria Cartoon - Síria; 2010.
- 3º Salão de Humor da Amazônia; 2010.

Mangues, mangais, manguezais!

Toc, toc, toc... toc, toc... toc, toc... toc, toc... toc, toc, toc...

Se você associou os toc-tocs acima a comer um caranguejo em um restaurante, no qual você mesmo quebra a carapaça e as pernas do crustáceo com um pequeno martelo de madeira ou mesmo com um pedaço de pau, acertou! É o conhecido caranguejo toc-toc, da famosa culinária paraense. Mas, além de comer, o que mais você sabe a respeito do caranguejo? Vamos conhecer um pouco deste crustáceo tão apreciado na mesa dos paraenses...

* * *

Para os cientistas o caranguejo é conhecido como *Ucides cordatus*. Por ter cinco pares de patas, os zoólogos o classificam como *decápode*. Seu esqueleto fica pro lado de fora do corpo e por isso é chamado de *exoesqueleto*. Sua fêmea é chamada de condessa, condurua, baronesa ou baroa e se distingue do macho pelas suas patas, que, ao contrário das daquele, quase não apresentam pelos, bem como seu peito ou umbigo (abdômen) é mais largo, enquanto o do caranguejo é estreito. Cada fêmea, em cada postura, coloca 39.000 (isto mesmo, trinta e nove mil!) ovos, ou seja, uma única condurua, numa única postura, põe no mundo 39.000 novos caranguejos, daí porque é proibida a catação das fêmeas. Nas diversas fases de seu crescimento dá-se a *ecdise*, que é a mudança periódica de muda do *exoesqueleto*. No início do ano, acontece o acasalamento, ao qual o povo do mangue chama de *suatá*. É nesta época que se faz o defeso, ou seja, é quando é proibida a tiração ou catação do caranguejo.

Os principais produtores de caranguejo no Pará são os municípios de São Caetano

de Odivelas, São João da Ponta, Soure, Bragança, Curuçá e Maracanã, havendo ainda outros de produção em menor escala, como Viseu.

O lugar em que o crustáceo vive, ou seja, seu *habitat* é o mangue, também conhecido como mangal ou manguezal, que "é um ecossistema que ocorre nas regiões intertropicais da Terra. Na costa brasileira, as mais exuberantes são os dos Estados do Pará e Maranhão. Isto devido, entre outros fatores, à proximidade do estuário do Rio Amazonas. Uma das principais características que o definem é a permanente alternância das águas doce e salgada", informa o meu amigo e grande mestre Carlos Gondim, em cujos textos baseei a presente pesquisa no que diz respeito às demais informações sobre o caranguejo.

Mestre Gondim ainda informa que o mangue é composto de lama, nele se desenvolvendo apenas algumas espécies de vegetais, nas quais as raízes "são como um emaranhado de aranhas caranguejeiras gigantes, cujas pernas lançam-se no solo lamacento". Nos mangues, há grande biodiversidade e ali vivem muitos outros seres além do caranguejo, como o siri, o camarão, o turu, o tamaru, o cernambi, o sapequara, a ostra, o mexilhão, o sururu, as abelhas, diversos peixes e variadas aves e até mamíferos, como macacos e guaxinins (animais parecidos com o cachorro), estes inimigos dos caranguejos, dos quais se alimentam.

Haveria muito mais para dizer dos mangues, mangais ou manguezais. Para os que se interessarem, podem procurar o professor Carlos Gondim, na ONG Novos Curupiras, sita à Estrada da Providência, 94 - CEP 67.015-260 - Ananindeua - Pará.

Email: gondim@novoscurupiras.org.br

* * *

Bem, agora que você aprendeu alguma coisa sobre o caranguejo e onde ele vive, ou seja, o mangue, mangal ou manguezal, sabe por que falei tanto sobre o assunto? Não?

É porque o mangue é também o *habitat* de um dos seres mais temidos da Amazônia: o Negro Ataíde, também conhecido como Preto Ataíde ou simplesmente Ataíde.

Assim como o Curupira defende a flora e a fauna, o Ataíde é o grande defensor dos mangues, mangais ou manguezais... E aí de quem ousar catar uma condessa ou condurua ou, de alguma forma, agredir o mangue...! Leia a seguir uma história do Ataíde, bem como o texto de literatura de cordel do sumano Antonio Juraci Siqueira intitulado *A Vingança do Ataíde em Favor do Manguezal*.

Ataíde

O Negro Ataíde, também chamado Preto Ataíde ou simplesmente Ataíde, segundo descreveu Raimundo Oliveira Amador (em 2002 com 38 anos, pedreiro e também vendedor de amendoim nos bares de Belém), é um ser monstruoso, com 2 metros ou mais de altura, com forma aparentemente humana, porém feito todo de lama dos mangues. Raimundo foi pescador e tirador de caranguejo e, falando com segurança, afirmou que o Ataíde é o guardião do mangue, defendendo-o contra aqueles que o agredem. Assim como o Curupira em relação à flora e à fauna, o Ataíde não faz mal aos que apenas sobrevivem do mangue, tirando caranguejo ou outros viventes para seu alimento ou a fim de vender para seu sustento. Não pode, porém, pegar fêmeas, principalmente as do caranguejo. Neste caso, a vingança do Ataíde é terrível...!

Eu já tinha ouvido falar neste ser mítico dos mangais, mas nunca encontrei ninguém que contasse uma história dele... Também, pudera, né? Quem é que ia admitir ter encontrado o Ataíde ou sido objeto de sua vingança?

Certa vez, em 2005, a convite de meu amigo e irmão de ideais amazônidas Carlos Gondim, o coordenador da ONG Novos Curupiras, fui bater um papo com os pescadores e tiradores de caranguejo de Soure. Ali, entre várias lendas e histórias da Amazônia,

falei do Ataíde e perguntei se o conheciam. Todos se entreolharam e ninguém respondeu. Resolvi brincar com eles e disse que naturalmente já tinham até encontrado o Ataíde! Aí foi uma risada geral, e disseram:

- Não, seu doutor. Esse tar de Ataíde não tem para cá, não! Ele só aparece lá pras bandas de Bragança...!

Novas risadas, e o assunto foi desconversado! E mais uma vez fiquei sem ouvir uma história do Ataíde... Até que um dia...!

* * *

Eu estava no Departamento de Marketing do Banco da Amazônia tentando conseguir um patrocínio para meus trabalhos, quando conheci uma pessoa que me chamou a atenção. Tratava-se de Helly Pamplona, amazônida como eu, nascido em 1958 em Santa Cruz do Arari, Ilha do Marajó, Pará. Helly Pamplona é também apaixonado pela Amazônia e, enquanto eu procuro registrar suas lendas e mitos, suas histórias de visagens, assombrações e encantamentos, ele procura fotografar as paisagens regionais e possui um belo trabalho intitulado SELVA!!!, retratando o interior da Amazônia e que teve sua publicação patrocinada pelo Banco da Amazônia. Conversa vai, conversa vem, e finalmente se falou no Ataíde. Aí o Helly Pamplona disse:

- Pois, olha, Walcyr, eu conheço uma história do Ataíde.

E a seguir fez a narrativa que você vai ler agora e conhecer de perto o terrível Negro Ataíde, Preto Ataíde, ou simplesmente... o Ataíde!

* * *

Seguia o ano de 1994, e o Duquinha, filho de Viseu (município no litoral do nordeste paraense e que faz fronteira com o Maranhão), aquela altura com 45 anos, era

pescador e tirador de caranguejo, do que vivia.

Numa noite daquele ano, Duquinha, que também era espinhaleiro (espinhaleiro é quem pesca com o espinhel - linha com cerca de 300 anzóis), colocou seu espinhel dentro de um mangal num furo (braço de rio), quase na foz do rio Gurupi. Estava acostumado a fazer isto, pois sabia que, quando a maré enche, os peixes vêm se alimentar no mangue e fica mais fácil a sua captura, principalmente quando a isca utilizada no anzol é o tamaru, uma espécie de camarão da lama do mangal. Duquinha gostava dessa pescaria noturna. Colocou o espinhel cerca das duas horas da madrugada. Mais tarde, quando a maré começou a baixar, voltou ao mangal, deixando a canoa na beira do furo, e dirigiu-se a pé para o mangue, a fim de despescar o espinhel.

Quando lá chegou, ouviu um ruído estranho:

- Tap... tap... tap...

Era alguma coisa se debatendo no espinhel. Cautelosamente se dirigiu para o lugar onde escutou novamente:

- Tap... tap... tap.

Era uma pata selvagem (que na foz do rio Gurupi é também chamada de pata braba ou pata do mangue), que havia ficado presa pela asa num anzol do espinhel.

Em vez de soltar a fêmea do pato, Duquinha a levou para comer.

Caminhou para a canoa sob uma linda lua prateada que espalhava seus raios por sobre o mangue, tornando-o reluzente.

Duquinha estava quase alcançando a canoa, quando, de repente, ouviu alguma coisa como se fossem passos no mangue. Procurou com a vista o lugar dos passos e, sob a luz da lua, viu aquele homem enorme, todo feito de lama, andar em sua direção.

Duquinha era incrédulo, porém não teve a menor dúvida: era o Ataíde que vinha ao seu encontro.

Você já esteve num mangue? Se nunca esteve, não pode imaginar o que é andar no meio da lama...



Duquinha estava apavorado e correu, o quanto a lama do mangue permitia, em direção à canoa, que, para felicidade sua, estava perto. Entrou no barco, jogando a pata dentro, e remou o mais rápido que pôde. O que ele não esperava, porém, aconteceu: o Ataíde jogou-se n'água e saiu nadando atrás da canoa.

Duquinha remando e o Ataíde atrás... Duquinha remava que remava e o Ataíde atrás... Duquinha estava cansado e já não aguentava mais. E o Ataíde atrás. Num esforço supremo, remou mais ainda! E o Ataíde atrás... Duquinha estava para entregar os pontos, quando avistou a Vila de Samaúma, que ficava no furo do mesmo nome. Aí Duquinha pensou que o Ataíde desistiria dele. Puro engano. Duquinha, com as mãos quase sangrando no remo, remava com força... e o Ataíde atrás! Duquinha conseguiu chegar a Samaúma, embicou a canoa e saltou, abandonando a pata, o produto da pesca, bem como seu espinhel. Saiu correndo em direção ao vilarejo com o Ataíde perseguindo-o...

Mas, para sorte de Duquinha, ele chegou ao centro de Samaúma e lá o esperavam parentes e amigos. Correu para eles, mas o Ataíde vinha atrás. Então aconteceu o inesperado: os cães do povoado atacaram o Ataíde, que se defendeu como pôde. Mas eram muitos os cachorros e, apesar de Ataíde ter chutado vários deles, os cães não desistiram e, bravamente, continuaram a latir e a tentar morder o Ataíde, que, sem outra saída, fugiu, jogando-se n'água, desaparecendo na noite...!

* * *

Bem, é isto aí! Mas nem todos têm a mesma sorte do Duquinha. Portanto, já sabe: se for ao mangue, mangal ou manguezal, nada de catar conduruas, condessas, baronesas ou baroas, nem qualquer outra fêmea... Você pode, de repente, se ver às voltas com o Negro Ataíde, Preto Ataíde ou simplesmente... Ataíde...!

A Vingança do Ataíde em Favor do Manguezal

Eu vou contar uma história
Fabulosa mas real
acontecida em Bragança
com um sujeito boçal
em caráter de revide:
-A Vingança do Ataíde
Em favor do manguezal.

Esse fato nos ensina
que não devemos zombar
das histórias confinadas
na tradição popular.
Sabem nobres e plebeus:
"Voz do povo, voz de Deus".
Ninguém deve duvidar.

A quem não sabe, o Ataíde
é uma figura lendária
que defende o manguezal
de gente torpe, ordinária
que visando a vil riqueza
agride a Mãe Natureza
da forma mais arbitrária.

Na defesa dos mangais
o Ataíde jamais dorme
Na lenda ele se apresenta
Como um caboclo disforme
todo coberto de lama
que guarda consigo a fama
de ter um vergalho enorme.

Severino dos Anzóis,
afamado aventureiro
capaz de vender a mãe
em troca de algum dinheiro,
pra tirar os pés da lama
e ganhar fortuna e fama
meteu os pés no atoleiro.

Vivendo a biscatear
na orla de Fortaleza,
descobriu que o caranguejo
dava casa, cama e mesa.
Então, com cara e lambança
mandou-se para Bragança
cheio de astúcia e afoiteza.

Antonio Juraci Siqueira

Com muita lábia o malandro
não tardou a se entrosar
com o povo e em pouco tempo
começou a trabalhar.
Mas, sendo de outra região,
não seguia a tradição
dos nativos do lugar.

Ao entrar no manguezal
Foi logo metendo o taco
mas vendo que a trabalhadeira
tinha um rendimento fraco,
concluiu: - Não dá pra mim
pois eu não sou guaxinim
pra meter mão em buraco.

Procurou métodos práticos
que dessem bons resultados
e viu no "tapa" e no "laço"
os dois mais apropriados.
Porém, em contrapartida,
são os que trazem, à vida,
os danos mais elevados.

Após os primeiros testes entre o "laço" e a "tapagem" optou pelo primeiro por ver nele mais vantagem.

E com ganância animal, Invadiu o manguezal numa autêntica pilhagem.

Com o "laço", o Severino aumentou a produção, contratou mais ajudantes, alugou um caminhão e assim, de olho na grana, duas vezes por semana exportava a produção.

Acontece que essa prática é predatória demais pois não distingue tamanho nem sexo dos animais. Desprezando a qualidade em favor da quantidade prejudica os manguezais.

Às críticas recebidas por não saber separar os machos das conduruas

ele danava a falar:

- "Eu diferença não vejo: macho ou fêmea é caranguejo E eu só quero é faturar!"

Quando alguém o repreendia, ele virava um coioote e, raivoso, esbravejava:

- "Ninguém vem no meu cangote!" Assim, criminosamente, seguia, indistintamente pegando fêmea e filhote.

Nas histórias do Ataíde ele não dava atenção e dizia: - "Isso é conversa



do povo da região que apela pro imaginário pra amedrontar otário, mas nessa eu não caio, não!

Certa vez, Zé Curupira, famoso pesquisador da vida dos manguezais, falou-lhe sobre o temor da extinção dos caranguejos e ele, desafiador, desdenhou: - "Isso é mentira, quanto mais a gente tira, mais ele mina, doutor!"

Na "andada" ou "sauatá", tempo do acasalamento dos caranguejos, ficava no maior assanhamento. Não respeitava o "defeso" e bradava: - "Se eu for preso, saio no mesmo momento!"

Tanto fez até que um dia em que se achava ocupado retirando um caranguejo num laço capturado,

ouviu algo diferente
voltou-se e viu-se na frente
de um negão alto e aloprado.

Severino quis correr
porém não adiantou.
O negão, que era o Ataíde,
nem de leve se afobou:
fez um laço de chibata
e, com destreza, o laçou.
Depois de imobilizado,
totalmente mundiado,
sem piedade o estuprou.

Após o estupro o Ataíde
Embrenhou-se no igapó
deixando o cabra da peste
sem rumo e falando só.

Depois, envolto em tristeza
Regressou a Fortaleza
Deprimido de dar dó.

Sobre o caso o Severino
fechou-se feito um baú.
Não falava com ninguém,
totalmente jururu
que nem pinto com pvide

recordando do Ataíde
e do seu vergalho-açu.

A história aqui terminada
recomeça quando alguém
desrespeita a natureza,
trata os mitos com desdém.
Portanto, caro leitor,
alerto, para o seu bem:
dessa lenda não duvide
pois, do contrário, o Ataíde
pode estuprá-lo também.

Você assiste televisão?

**Escreva para a TV que você assiste pedindo
programas regionais!**

A Morta Apaixonada

Sem sombra de dúvida, o amor é o sentimento e a energia que movimenta o planeta Terra e todo o Cosmos. Quantas histórias já narramos no livro *Visagens e Assombrações de Belém* e aqui mesmo, nesta série de *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, envolvendo personagens movidos pelo amor? Muitas vezes em situações insólitas como a do homem que abandonou a família para viver com uma Curupira (Ver *História de Amor*, no nº 09 desta série) e em outras - a maioria - com personagens sobrenaturais ou, simplesmente, do outro mundo...!

Pois é, o amor tem destas coisas... E ainda tem aqueles ou aquelas que se apaixonam por Botos e Bôtas, por Iaras ou até... por fantasmas! E quando é o contrário, hein? Quando o(a) fantasma se apaixona pela gente? Aí complica, né?

Mas chega de papo furado. Vamos ler esta história contada por D. Nazaré da Silva Pina em janeiro de 1998. A história que tem como personagens um homem, uma mulher, um pajé e figurantes...

* * *

A história se passou com meu irmão Gonzaga Silva. No fim da década de quarenta, nós morávamos no Paraná do Espírito Santo, em Parintins, Amazonas. Gonzaga viajou pra fazer compras na cabeceira do Juruti Velho. Quando chegou lá, falaram pra ele:

- Gonzaga, tua namorada morreu. Morreu, sim!

Ele não deu muita bola. Pensava que era brincadeira. Fez as compras que tinha que fazer e disse pros amigos:

- Vou voltar junto com vocês.

E assim fez. Qual não foi a surpresa ao chegar e ver que realmente sua namorada



morrera. Não resistira a malária, muito comum naqueles tempos.

O sepultamento ia ser no Cemitério de Valéria, local que os moradores daquelas bandas tinham construído para não pagar taxas que então cobravam em Parintins ou em Juruti. Estas cidades, além de serem longe de onde morávamos, ainda cobravam pra enterrar um defunto. Então construímos o Cemitério de Valéria, que, além de ser perto, a gente não pagava nada. É lá que meu pai, meu cunhado, meus parentes, enfim, meus amigos estão todos sepultados, no Cemitério de Valéria. E era lá que ia ser enterrada a namorada do Gonzaga.

Ao enterro compareceram parentes e amigos. Já na volta, mais ou menos no meio do caminho, as pessoas se adiantaram, e o Gonzaga foi ficando sozinho.

E sozinho foi caminhando, quando sentiu como que a presença de uma pessoa próxima a ele. Olhou prum lado, olhou pro outro e não viu nada. Apenas sentia aquela presença junto a si. Procurou não se incomodar. E caminhou, caminhou, caminhou... Quando chegou pra embarcar na canoa que ia atravessar o rio, o pessoal que acompanhara o enterro já ia saindo. Aí brincaram e caçoaram dele por ter se atrasado. Mas ele não se incomodou. Na verdade, ele já estava com medo, muito medo, apavorado mesmo...

Atravessou o rio e quando chegou em casa deviam ser, mais ou menos, umas onze horas da noite.

Chegou gritando e pedindo socorro.

- Me acudam, me acudam, gente, me acudam por favor! Tem uma pessoa aqui comigo!

Os irmãos e outras pessoas acudiram. Mas chegaram junto dele e nada viam. Só ele que sentia.

E ele naquela noite começou a ter febre e a delirar. Febre, febre, febre...

Chás, remédios, ervas, nada resolvia. Foi ao médico, que também nada resolveu.

Ele não curava.

E tome febre, febre, febre...

Aí, além de sentir a presença, ele começou a enxergar ela. Ela não falava, não dizia nada. Mas ficava olhando pra ele. Não falava. Ficava só olhando pra ele. Ela olhava e se

aproximava. Ficava olhando e se aproximando. E quanto mais ela se aproximava, mais ele sentia febre. E sentia as vibrações dela. Como disse, ela morreu de malária. E ele sentia como se estivesse com malária. E tome febre, febre, febre... E aí ele ia ficando pálido. Ficava pálido rápido, muito pálido, pálido como um defunto... E aí vinha aquela terrível baixa de pressão... Parecia que ele ia morrer...

Desesperançado de tudo, meu pai levou ele no pajé Raul Pereira, muito famoso na época. Afinal, se nada dava certo e se nem o médico dava jeito, por que não consultar o pajé?

Quando chegaram lá, o pajé ficou brincando com o Gonzaga.

- Ei, rapaz, tu enganaste a moça! Agora ela quer te levar de qualquer jeito. Ela está contigo mesmo...

- Mas eu não prometi nem fiz contrato de casamento, respondeu Gonzaga.

- Tu não fizeste, mas ela estava esperando que tu fizesses...

Aí o pajé rezou, rezou, rezou... E acabou curando o meu irmão Gonzaga, ou melhor, afastando o espírito da namorada dele que provocava toda aquela febre, todo aquele mal-estar...

Meu irmão ficou bom, mas nunca mais pôs os pés na cabeceira do Juruti Velho...

- E por que, Dona Nazaré?

- Porque era lá que era a casa dela, onde a família dela morava, onde ele conheceu ela e era lá que ela aparecia. Ele nunca mais foi lá e, depois, com o tempo, conheceu outra mulher, casou, e o espírito da antiga namorada nunca mais apareceu.

Mas, naquele tempo, todo mundo ficou comentando a história da morta apaixonada que tinha sido namorada de meu irmão Gonzaga...!

* * *

E você? Já se apaixonou por alguém que morreu? Apareceu para você? Não quis vir lhe buscar? Me conte...

Não Deixe a Rede Atada, Senão...!

- Nunca se deve deixar rede atada, sem ter ninguém deitado nela, principalmente se for sair e a casa ficar só...

Quem assim começou a falar foi D. Luiza Chaves Almeida, nossa conhecida que já narrou outras histórias. Conforme sabemos de relatos anteriores, ela mora em Macapá. A presente história foi narrada em fevereiro de 1999.

Curioso, indaguei:

- E por que, D. Luiza?

D. Luiza, já conhecendo este perguntador, cheia de paciência, iniciou a narrativa:

- Foi mais ou menos em 1935, por aí... Lá pros lados do Baixo Amazonas, na beira mesmo do Rio Amazonas, moravam três homens, que, como a maior parte da população do interior da Amazônia, viviam do que a floresta e o rio oferecem. Neste dia, eles foram apanhar ouriços de Castanha-do-Pará, a fim de quebrá-los e vender as castanhas.

Um deles tinha um filho que, por estar adoentado, não pôde acompanhar o pai e teve que ficar em casa.

Um outro tinha a mania de deixar a rede atada. Não gostava de desatar. Achava que dava muito trabalho atar e desatar a rede, de modo que já deixava a dele atada. Os três adentraram a floresta para a coleta dos ouriços, e o menino ficou só. Passado algum tempo, apareceram dois rapazes que ficaram olhando a casa, enquanto a rodeavam. Rodearam e olharam, olharam e rodearam. Até que viram a rede atada, vazia, sem ninguém deitado nela. Aí, os dois entraram.

O menino, coitado, nem se mexia dentro de sua rede. Ficou observando o que os dois rapazes faziam.

Um dos rapazes foi até a rede vazia e colocou uma folhinha dentro dela. Depois disto os dois foram embora.

E o menino, que tudo tinha visto, calado estava, calado ficou. Nem se mexia!

Já de tardinha, quando o pai do menino e seus companheiros voltaram, o menino contou:

- Olhe, papai! Vieram dois rapazes aqui, entraram, e um deles colocou uma folhinha dentro da rede que está atada...

Os homens foram olhar bastante desconfiados. O pai do menino então falou para o dono da rede:

- Rapaz, se eu fosse tu não dormia mais nesta rede!

O outro companheiro imediatamente concordou. Mas o dono da rede protestou:

- Deixar de dormir na minha rede, por quê? Vocês são medrosos. Eu não tenho medo!

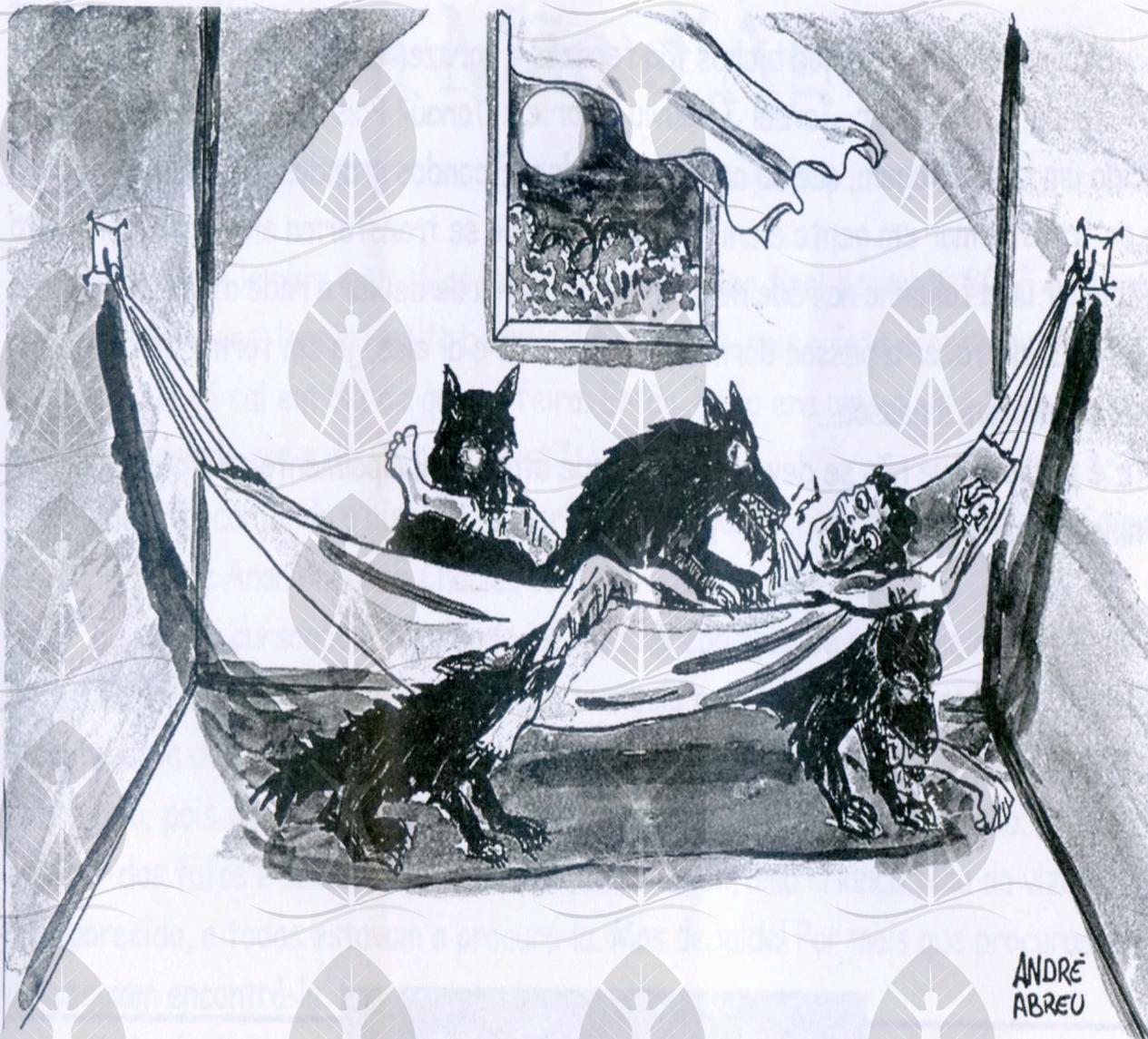
Chegou a noite. E com ela a total escuridão, pois lá só tinha para iluminar uma pequena lamparina. Deitaram todos para dormir nas suas respectivas redes.

Tarde da noite ouviram aquele grande barulho vindo da floresta em direção a casa. Todos acordaram. Isto é, todos não: o que estava na rede que tinha ficado atada e na qual um dos rapazes tinha colocado a tal folhinha continuou dormindo...

O barulho aumentando, todos começaram a ficar com medo. Chamaram, chamaram, chamaram o homem que dormia na rede em que tinham colocado a folhinha e ele nada de acordar... E o barulho aumentando, chegando perto da casa... E eles todos, já apavorados, subiram pelas paredes e foram para cima da casa. Chamaram que chamaram o companheiro, e ele nada de acordar. Como ele era forte e pesado, não puderam carregá-lo pra cima da casa, e ele ficou lá, deitado na rede que tinha ficado atada e na qual tinham colocado a folhinha...

De repente, o barulho que vinha da mata aumentou, aumentou, aumentou, e eles, mais do que apavorados, viram a porta ser arrombada. E então entraram aqueles bichos horrorosos que, devido à escuridão, eles não puderam identificar. Viram eles chegarem junto à rede onde seu companheiro dormia. Aí ouviram aqueles gritos lancinantes. Era o seu amigo que estava sendo devorado vivo...

Lá em cima da casa eles estavam, lá eles ficaram. Quietos, sem se mexer, apavorados. E lá em cima ficaram até amanhecer o dia...



- D. Luiza, que bichos eram esses?

- Calma, seu Walcyr, calma, que chego lá.

E D. Luiza continuou.

Durante a madrugada, os bichos se retiraram, de modo que quando o dia amanheceu não tinha mais nenhum. Aí, todos desceram de cima da casa e, quando chegaram em baixo, viram aquela cena macabra: sangue por todo lado e parte do esqueleto do amigo deles. A carne do corpo os bichos já tinham devorado...

Novamente a curiosidade me faz interromper D. Luiza:

- Mas afinal, D. Luiza, que bichos tão ferozes e vorazes eram esses?

- Janaú, seu Walcyr, Janaú! Já ouviu falar em Janaú? Pois é, o Janaú é um animal parecido um cão selvagem, que só anda em bandos. E bandos grandes. Dizem que o Janaú pode se transformar em gente e em gato. Quando ele se transforma em gente, aproveita para colocar uma folhinha na rede de quem tem a mania de deixar a rede atada. A folhinha tem o poder de fazer a pessoa dormir pesadamente e aí eles, já em forma de cachorro, atacam e devoram a pessoa...

E é por isso que não se deve deixar a rede atada, principalmente se a casa vai ficar sem ninguém...!

* * *

E você, costuma deixar sua rede atada? Cuidado com o Janaú...

**Na hora de viajar de férias, antes de conhecer
outras regiões, conheça a Amazônia.
Viaje pelo interior do Pará, vá ao Amapá, ao
Amazonas, ao Acre, a Roraima e a Rondônia!**

Vanda e a Mãe d'Água

"O ano não lembro bem. Mas, com certeza, foi no final dos anos 80. E embora não lembre bem do ano, lembro muito bem do dia e do mês, pois o fato aconteceu num feriado religioso que só cai em dia de quinta-feira. Então, o dia era uma quinta-feira do mês de junho e o feriado era o de Corpus Christi".

Quem vai contando a história é Charles Souza, que à época era morador do Coqueiro, no Município de Ananindeua. E Charles continua a narrativa:

"Eu estava cursando a faculdade e fazendo reposição de aulas, de maneira que, embora fosse feriado religioso, naquele dia tive aula pela manhã. Sempre que chegava em casa, mudava de roupa e ia logo tomar banho no igarapé da casa do vizinho. Mas não pude fazer isto, pois estava havendo um grande alvoroço, uma grande confusão. Procurei me inteirar dos fatos e soube então que a pequena Vanda, uma criança filha do vizinho, havia desaparecido, e todos estavam a procurá-la. Mas debalde! Por mais que procurassem não conseguiam encontrá-la.

Aí alguém lembrou:

- Vamos procurar no igarapé!

E isto foi feito em seguida.

Procura daqui, procura dali e nada. Subiram e desceram o igarapé, e Vanda não aparecia.

Eram seis horas da tarde - já estavam todos cansados de procurar - quando uma pessoa disse:

- Vamos colocar uma vela acesa dentro de uma cuia virgem e soltá-la no igarapé. Se a Vanda tiver morrido afogada, a cuia vai parar onde ela estiver! Aí é só mergulhar e fazer o resgate do corpo.

E assim fizeram!



Às sete horas da noite, o corpo de Vanda foi encontrado onde a cuia parou. Tristeza geral, principalmente dos familiares de Vanda, cujos pais ficaram inconsoláveis. Foram tomadas as providências de praxe e Vanda sepultada no dia seguinte.

Dias depois a mãe de Vanda sonhou. Vanda apareceu muito bonita no sonho, dizendo que a Mãe d'Água do igarapé tinha gostado dela e a tinha levado para o seu reino encantado, onde Vanda agora habitava!"

E assim Charles terminou o seu relato.

* * *

A prática de procurar pessoas afogadas através de utilização de uma cuia virgem (ou seja, ainda não utilizada para outros fins) com vela acesa dentro é realizada pelas populações ribeirinhas da Amazônia e em particular no Arquipélago do Marajó.

Em 1992, o deputado federal Ulisses Guimarães, o "Senhor Diretas", sofreu um acidente de helicóptero no mar, próximo a Angra dos Reis, no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Seu corpo desapareceu e nunca foi encontrado.

À época, vários ribeirinhos e marajoaras comentaram:

- "Não acharam o corpo porque não souberam fazer. Bastava colocar a vela dentro da cuia virgem, que ela ia mostrar direitinho onde estava o corpo!"

Você escuta rádio?

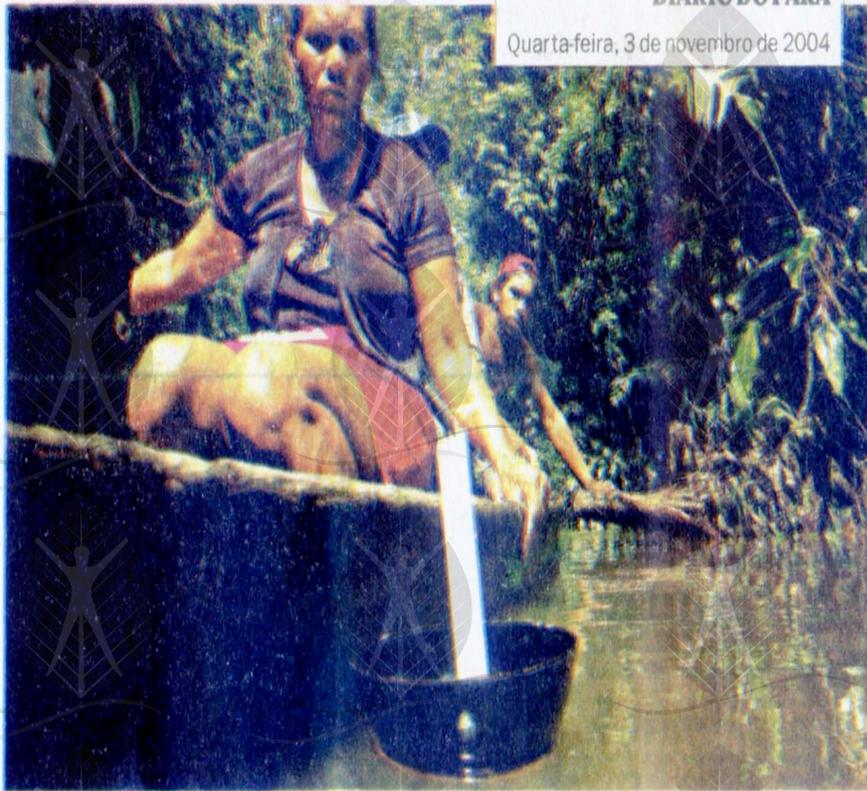
**Peça aos radialistas para tocarem músicas
de autores e cantores amazônicos!**

Duas meninas (Daniela Cunha Tavares, 9 anos, e Noeli Cristina Santos, 10 anos) foram mortas e tiveram seus corpos jogados no Rio Maguari, em Santa Izabel do Pará. O jornal Diário do Pará, de 3 de novembro de 2004, quarta-feira, em extensa reportagem narrou o crime.

Não faltaram muitas fotografias, inclusive a em que foi realizado o ritual da vela na cuja virgem, como na história de Vanda, narrada neste número de *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. Na imagem, a reprodução de uma das fotos publicadas no Diário do Pará.

DIÁRIO DO PARÁ

Quarta-feira, 3 de novembro de 2004



Mãe de uma das vítimas colocou cuja virgem com vela acesa no rio. Segundo crença popular, ajudaria a localizar o corpo da menina assassinada.

Corpos de meninas ainda não foram encontrados

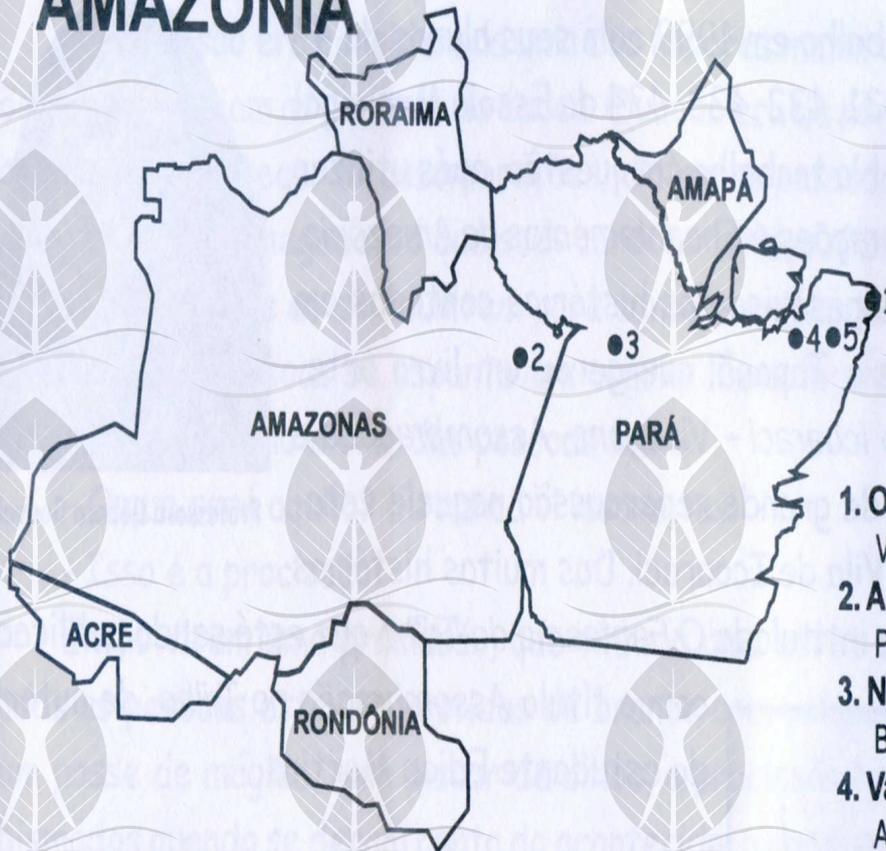
Quatro dias de busca e nada. Corpos das meninas estupradas e mortas em Santa Izabel continuam desaparecidos. O acusado, João Farias Sampaio, está preso. Ontem, moradores do município interditaram a BR-316. **Diário Polícia**

Mãe de uma das vítimas colocou cuja virgem com vela acesa no rio. Segundo crença popular, ajudaria a localizar o corpo da menina assassinada

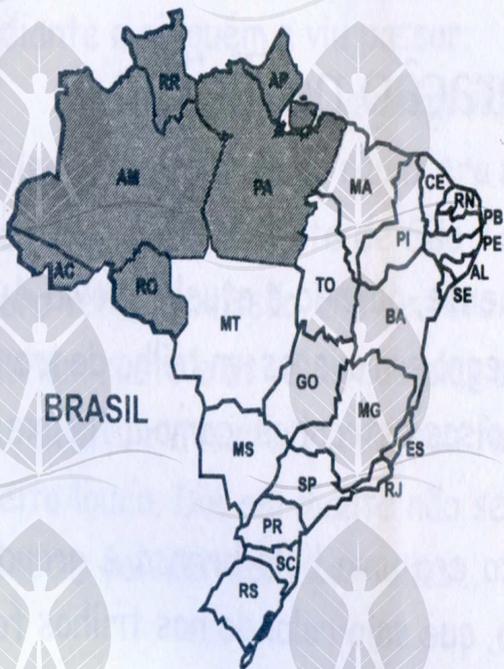
CORPOS DE MENINAS AINDA NÃO FORAM ENCONTRADOS

Quatro dias de busca e nada. Corpos das meninas estupradas e mortas em Santa Izabel continuam desaparecidos. O acusado João Farias Sampaio, está preso. Ontem, moradores do município interditaram a BR-316. **Diário Polícia.**

AMAZÔNIA



1. O Negro Ataíde
Viseu-Pará
2. A Morta Apaixonada
Parintins - Amazonas
3. Não deixe a rede atada, senão...!
Baixo Amazonas - Pará
4. Vanda e a Mãe d'Água
Ananindeua - Pará
5. Deu no Jornal...!
Santa Izabel do Pará - Pará

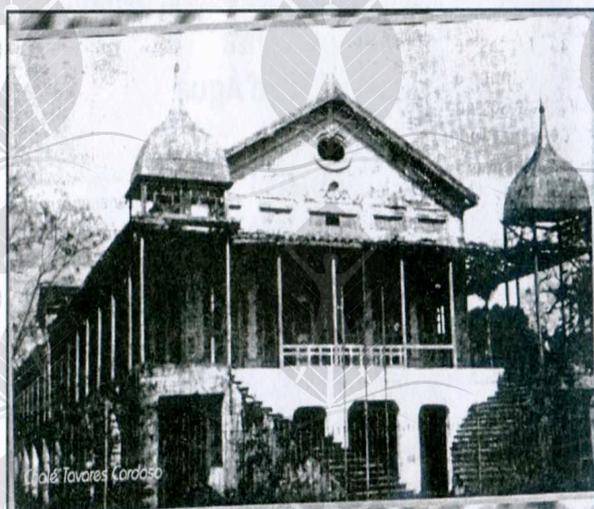


MAPA MUNDI

A Professora Débora Gouveia, de quem já falamos no número 7 (sete) desta revista às páginas 28 e 30, realizou importante trabalho em 1999 com seus alunos da 4ª Etapa do Noturno (turmas 431, 432, 433, 434 da Escola Municipal Mestre Raimundo Cardoso). No trabalho em questão, após utilizar a série de *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, deu como tarefa aos alunos pesquisa das histórias contadas em Icoaraci, Outeiro, Cotijuba e Tapanã, que gerou um livro artesanal intitulado *Histórias de Icoaraci - Visagens, Assombrações e Encantamentos de Icoaraci*, de grande repercussão naquele estabelecimento de ensino e na Vila de Icoaraci. Das muitas histórias pesquisadas, selecionamos a intitulada *O Fantasma do Trilho* que está sendo publicada com o título *Assombração no Trilho*, de autoria do estudante Edion Martins.



Professora Débora Gouveia



Luiz Tavares Cardoso



Assombração no Trilho

Antigamente, quando a atual rodovia Augusto Montenegro era apenas um trilho de trem, aconteciam coisas estranhas, como a trouxa e a procissão.

A trouxa era uma bola branca e grande feita de pano, que saía rolando nos trilhos fazendo um barulho muito estranho e assustando

as pessoas com seu tamanho e seus ruídos; com a procissão não era muito diferente e ocorria horas depois do aparecimento da bola.

A procissão era considerada uma das maiores medidas (no sentido de assombrações), como diziam as pessoas da época. Quando era de noite entre nove e nove e meia, começava a acontecer as assombrações; diziam as pessoas que o ritual não tinha local de saída nem de chegada, só que suas características não eram normais; certo dia, ou melhor certa noite ao se reunirem para conversar (naquela época não havia televisão nem rádio) as pessoas se espantavam com as luzes incandescentes das falsas velas. Ficaram observando e uma das pessoas falou:

- O que será aquilo? Eu nunca vi isso antes!
- Isso é a procissão!

Então viram uma procissão, que vinha a uma certa distância. Eles notaram que todas as pessoas estavam vestidas de branco com velas nas mãos. De repente, como num passe de mágica, num piscar de olhos, a procissão havia sumido e todos ficaram abismados quando se deram conta do acontecido: a procissão já estava a alguns metros adiante e ninguém a viu passar.

Após alguns dias, alguém viu a procissão passar, mas não gostou do que viu, pois faleceu dias depois. O rapaz era muito abelhudo, não acreditando no que lhe diziam e resolveu fazer o teste de São Tomé. Então escondeu-se numa casa velha esperando para ver a procissão. Ele de fato viu e chegou contando que as pessoas da mesma não tinham rosto e as velas que elas carregavam nas mãos eram feitas de ossos humanos. Ao concluir a narrativa sofreu forte dor de cabeça, e, de repente, começou a gritar feito louco. Daí em diante não se alimentava mais nem bebia água: vivia só gritando, vindo a falecer após sete dias...

Colégio Olimpus

Em 2002, os alunos do Colégio Olimpus, de Barcarena, Pará, sob a orientação da Professora Cleide Cunha, desenvolveram primoroso trabalho sobre as histórias de Visagens, Assombrações e Encantamentos da Região Amazônica, utilizando a obra de Walcyr Monteiro. Um grande espaço do colégio foi ornamentado com desenhos e pinturas dos alunos com a temática visagens. As fotos registram aspectos do evento.



Professora Cleide Cunha e Walcyr Monteiro



Colégio Madre Celeste

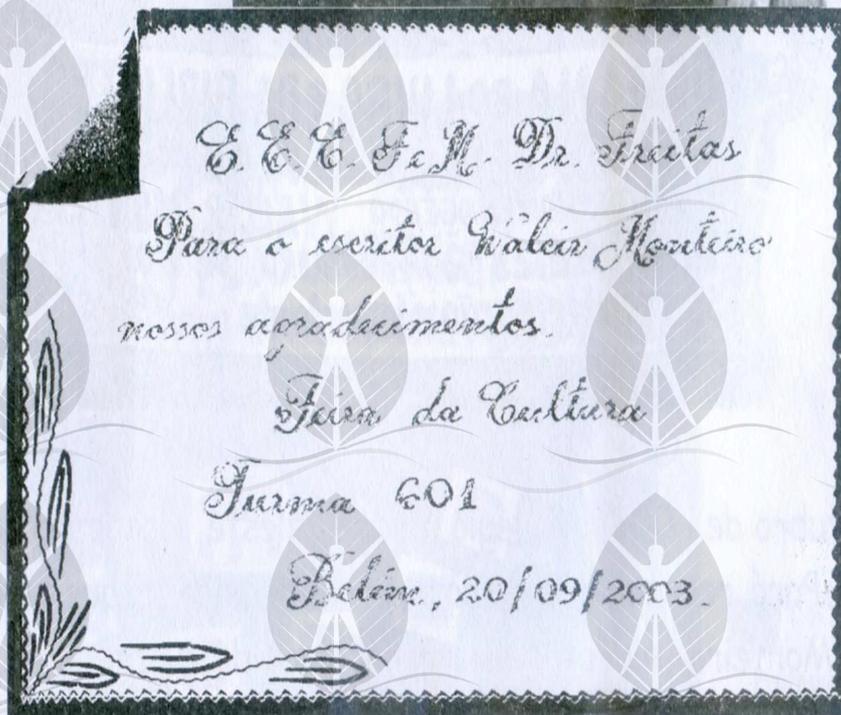


Em outubro de 2003, o Colégio Madre Celeste, localizado na Cidade Nova 8, em Ananindeua, Pará, realizou a II Feira do Livro, ocasião em que o escritor homenageado foi Walcyr Monteiro. As fotos mostram faixas do evento e a bibliotecária Lourdes Viana e professoras do colégio ladeando Walcyr Monteiro.

Escola Dr. Freitas

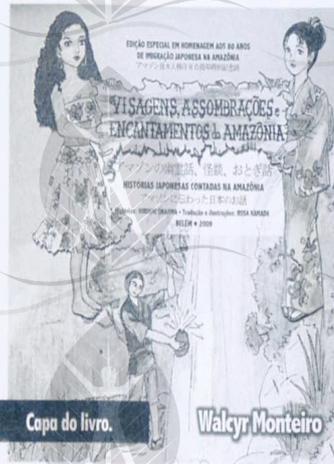
Em setembro de 2003, sob a orientação das professoras Maria Helena da Costa e Ana Cristina, os alunos da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Dr. Freitas desenvolveram interessante trabalho sobre as lendas e mitos da Amazônia, tendo como base as obras de Walcyr Monteiro.

Na ocasião, o escritor foi homenageado com uma placa de prata com os agradecimentos daquele estabelecimento de ensino. Nas fotos, o registro do evento.



Histórias Japonesas Contadas na Amazônia

Em 2009, Walcyr Monteiro prestou homenagem aos 80 anos de Imigração Japonesa na Amazônia com uma Edição Especial da série *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, intitulada *Histórias Japonesas Contadas na Amazônia*. As histórias Walcyr ouviu de Hiroshi Okajima, e foram ilustradas e traduzidas para o japonês por Rosa Kamada. A edição bilíngue português-japonês teve lançamentos nas comunidades japonesas de Santa Bárbara, Castanhal e Tomé-Açu, sendo lançada em Belém com uma bonita festa em que foram apresentados números de folclore paraense e japonês e realizado o ritual do saquê, bebida japonesa. A edição foi patrocinada pelo SESC-Pará, que tem na presidência o Sr. Carlos Marx Tonini, que deu todo apoio ao evento através do Departamento de Educação e Cultura daquela instituição.



Capa do livro.

Walcyr Monteiro



Hiroshi Okajima, Walcyr Monteiro e Rosa Kamada realizando o ritual do saquê



Carlos Marx Tonini, presidente do SESC-Pará.



Folclore japonês



Cláudio, coordenadora do Grupo Parafolclórico do SESC-Pará.

Isto não é lenda!

FNO

**COMÉRCIO
E SERVIÇOS**

Parceria de Sucesso!



BANCO DA AMAZÔNIA



É o resultado da aplicação dos recursos do FNO!



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA